

## CAPÍTULO 1

A sra. Van Rydock se afastou um pouco do espelho e suspirou.

– Bem, vai ter que ser isto mesmo – murmurou.  
– Acha que ficou bem, Jane?

Miss Marple contemplou a criação de Lanvanelli com um semblante apreciativo.

– É um vestido muito bonito – disse.  
– O vestido ficou bem – falou a sra. Van Rydock, suspirando. – Você já pode tirá-lo, Stephanie.

A criada idosa com cabelos grisalhos e uma pequena boca comprimida puxou cuidadosamente o vestido ao longo dos braços estendidos da sra. Van Rydock.

A sra. Van Rydock ficou parada na frente do espelho com sua combinação de cetim cor de pêssego. Estava primorosamente espartilhada. Suas pernas, ainda bem torneadas, se mostravam envolvidas por belas meias de náilon. Seu rosto, sob uma camada de cosméticos e constantemente tonificado por massagens, parecia quase juvenil a uma ligeira distância. Seu cabelo, arrumado de modo impecável, tendia mais para o azul-hortênsia do que para o grisalho. Era praticamente impossível, olhando a sra. Van Rydock, imaginar como ela seria num estado natural. Tudo o que o dinheiro podia fazer tinha sido feito por ela – com o reforço de dietas, massagens e exercícios regulares.

Ruth Van Rydock olhou sua amiga com um ar jocoso.

– Você acha que as pessoas em geral seriam capazes de adivinhar, Jane, que você e eu temos praticamente a mesma idade?

Miss Marple respondeu de uma maneira leal e tranquilizadora:

– Nem por um segundo, tenho certeza. *Eu* receio aparentar cada minuto da *minha* idade!

Miss Marple tinha cabelos brancos, um rosto macio, rosado e enrugado, e olhos inocentes de porcelana azul. Parecia uma velhinha muito adorável. Ninguém teria chamado a sra. Van Rydock de velhinha adorável.

– Creio que você aparenta, Jane – disse a sra. Van Rydock com um súbito sorriso irônico. – E eu também. Só que não da mesma maneira. “É espantoso como aquela bruxa velha mantém a forma.” Isso é o que dizem de mim. Mas sabem muito bem que eu sou uma bruxa velha! E, meu Deus, é assim que eu me sinto!

Ela desabou pesadamente na cadeira estofada de cetim.

– Pronto, Stephanie – falou. – Pode ir.

Stephanie recolheu o vestido e saiu.

– Boa e velha Stephanie – disse Ruth Van Rydock. – Já está comigo faz mais de trinta anos. Ela é a única mulher que sabe qual é a minha verdadeira aparência! Jane, preciso falar com você.

Miss Marple inclinou-se à frente um pouco. Seu rosto assumiu uma expressão receptiva. Ela parecia, de certo modo, uma figura incongruente no quarto ornamentado daquela cara suíte de hotel. Vestia um traje preto um tanto desalinhado, carregava uma grande sacola de compras e parecia dos pés à cabeça uma senhora.

– Eu estou preocupada, Jane. Com Carrie Louise.

– Carrie Louise? – Miss Marple repetiu meditativa.

O som do nome a remetia para um passado remoto. O pensionato em Florença. Ela mesma uma rosada garota inglesa saída de um beco de catedral. As duas jovens Martin, americanas, excitantes aos olhos da garota inglesa

por causa do jeito pitoresco de falar e do comportamento franco e vívido. Ruth, alta, ávida, pairando acima de tudo; Carrie Louise, pequena, delicada, melancólica.

– Quando você a viu pela última vez, Jane?

– Ah! Não a vejo há muitos e muitos anos. Vinte e cinco, no mínimo. Claro que ainda trocamos cartões de Natal.

Uma coisa tão estranha, a amizade! Ela, a jovem Jane Marple, e as duas americanas. Seus caminhos se afastando quase de imediato, e, no entanto, o velho afeto persistindo; cartas ocasionais, lembranças no Natal. Estranho que Ruth, cuja casa, ou melhor, cujas casas ficavam nos Estados Unidos, fosse das duas a irmã que ela via com mais frequência. Não, talvez não fosse estranho. Como a maioria das americanas de sua classe, Ruth era cosmopolita, quase de ano em ano fazia uma viagem à Europa, correndo de Londres a Paris, depois até a Riviera, para então voltar de novo, e sempre fazendo de tudo para aproveitar alguns momentos com as velhas amigas onde quer que estivesse. Havia ocorrido diversos encontros como aquele. No Claridge's, ou no Savoy, ou no Berkeley ou no Dorchester. Uma refeição refinada, reminiscências afetuosas e um adeus apressado e afetoso. Ruth nunca tivera tempo para visitar St. Mary Mead. E Miss Marple jamais, de fato, contara com isso. A vida de todo mundo tem um *andamento* próprio. O de Ruth era *presto*, ao passo que o de Miss Marple se contentava em ser *adágio*.

Era, portanto, a americana Ruth quem ela via com mais frequência, ao passo que Carrie Louise, embora morasse na Inglaterra, ela não via fazia mais de vinte anos. Esquisito, mas bastante natural, porque quando as pessoas moram no mesmo país não há necessidade de arranjar encontros com velhas amigas. Presume-se

que, mais cedo ou mais tarde, uma delas acabe por encontrar as outras sem maquinação. Contudo, se as pessoas circulam em meios diferentes, isso não acontece. As trajetórias de Jane Marple e Carrie Louise não se cruzavam. Era simples assim.

– Por que você está preocupada com Carrie Louise, Ruth? – Miss Marple perguntou.

– De certa maneira, isso é o que mais me preocupa! Eu simplesmente não sei.

– Ela está doente?

– Ela é muito frágil... sempre foi. Eu não diria que ela tem andado pior do que de costume, considerando-se que está entrando em anos tanto quanto todas nós.

– Infeliz?

– Ah, *não*.

Não, não seria isso, Miss Marple pensou. Seria difícil imaginar Carrie Louise infeliz – no entanto, decerto ela passara por momentos tristes em sua vida. Só que... a imagem não se formava com nitidez. Perplexa... sim; incrédula... sim; mas uma mágoa violenta... não.

As palavras da sra. Van Rydock vieram de modo pertinente.

– Carrie Louise – ela disse – sempre viveu completamente no mundo da lua. Não sabe nada da vida. Talvez seja *isso* o que me preocupa.

– As circunstâncias dela... – Miss Marple começou e logo parou, sacudindo a cabeça. – Não – ela disse.

– Não, é ela mesma – falou Ruth Van Rydock. – De nós duas, Carrie Louise foi sempre aquela que tinha ideais. É claro que estava na moda ter ideais quando éramos jovens... não havia quem não os tivesse, era muito adequado para jovens moças. Você ia cuidar de leprosos, Jane, e eu ia ser uma freira. A gente supera todos esses disparates. O casamento, acho que dá para dizer, arranca

esses ideais da nossa cabeça. Mesmo assim, levando tudo em conta, não me saí mal na questão do casamento.

Miss Marple pensou que Ruth estivesse se expressando com modéstia. Ruth se casara três vezes, sempre com homens extremamente ricos, e os divórcios resultantes haviam aumentado seu saldo bancário sem azedar nem um pouco sua disposição.

– É claro – disse a sra. Van Rydock –, sempre fui durona. As coisas não me abalam. Nunca esperei demais da vida e certamente não esperei demais dos homens... e me saí muito bem nisso... e sem guardar rancores. Tommy e eu continuamos excelentes amigos, e Julius volta e meia pede minha opinião sobre o mercado... – seu rosto ficou sombrio. – Acho que isso é o que me preocupa em relação a Carrie Louise... ela sempre teve uma tendência, sabe, de se casar com *excêntricos*.

– Excêntricos?

– Gente com ideais. Carrie Louise sempre foi uma presa fácil nos ideais. Lá ficava ela, linda como Deus a fez, tendo apenas dezessete anos e ouvindo com olhos maiores do que um pires o velho Gulbrandsen discursando sobre seus planos para a raça humana. Um sujeito com mais de cinquenta, e Carrie Louise se casou com ele, um viúvo com uma família de crianças crescidas... tudo por causa das ideias filantrópicas dele. Ela costumava ficar sentada, ouvindo as palavras do velho fascinada. Exatamente como Desdêmona e Otelo. Só que por sorte não houve nenhum Iago por perto para complicar as coisas... e Gulbrandsen, de todo modo, não era de cor. Era um sueco, ou um norueguês, ou algo assim.

Miss Marple assentiu com a cabeça, pensativa. O nome Gulbrandsen tinha uma importância internacional. Um homem que, com grande perspicácia empresarial e perfeita honestidade, acumulara uma fortuna

colossal cujo emprego, na verdade, exigia como única solução a filantropia. O nome ainda mantinha um ar de importância. O Fundo Gulbrandsen, as Bolsas de Pesquisa Gulbrandsen, os Albergues de Tratamento Gulbrandsen e, o mais conhecido entre todos, o vasto Centro Educativo para os filhos de operários.

– Carrie Louise não se casou com ele por dinheiro, sabe? – disse Ruth. – *Eu* teria feito isso, se chegasse a ter me casado com o sujeito. Mas Carrie Louise não. Não sei o que poderia ter acontecido se o homem não tivesse morrido quando ela estava com 32. Trinta e dois é uma ótima idade para uma pessoa ficar viúva. Ela já é experiente, mas ainda é capaz de se adaptar.

A solteirona, ouvindo-a, concordava suavemente com a cabeça enquanto a mente tentava rememorar viúvas que conhecera no vilarejo de St. Mary Mead.

– Eu realmente fiquei mais feliz por Carrie Louise quando ela estava casada com Johnnie Restarick. É claro que *ele* se casou com Carrie Louise pelo dinheiro dela... ou, se não foi exatamente isso, de qualquer modo ele não teria casado se ela não tivesse dinheiro nenhum. Johnnie era um vagabundo egoísta, preguiçoso, obcecado pelo prazer, mas isso é bem mais seguro do que um excêntrico. Tudo que Johnnie queria era viver na moleza. Queria que Carrie Louise se valesse das melhores costureiras, tivesse iates e carros e se divertisse com ele. Esse tipo de homem é tão absolutamente *seguro*... Basta você lhe dar conforto e luxo que ele ronrona como um gato e vira um companheiro totalmente encantador. Nunca levei muito a sério aquela coisa teatral dele, de cenografia. Mas Carrie Louise vibrava com aquilo... via tudo aquilo como Arte, com A maiúsculo, e realmente o forçou a voltar àquele ambiente, e aí aquela iugoslava tenebrosa o agarrou e simplesmente o arrebatou para longe. Na verdade ele

não queria ir. Se Carrie Louise tivesse esperado e sido sensata, o homem teria voltado para ela.

– Ela sofreu muito? – Miss Marple perguntou.

– Isso é que foi engraçado. Eu de fato acredito que não. Sua reação diante de tudo foi absolutamente adorável... mas não poderia ser diferente. Ela é adorável. Ficou bem ansiosa para obter o divórcio, de modo que ele pudesse se casar com aquela criatura. E se ofereceu para cuidar em seu lar dos dois filhos do primeiro casamento dele porque seria uma moradia mais fixa. Então Johnnie ficou nessa situação... *precisou* se casar com a mulher, ela lhe proporcionou seis meses pavorosos e então, num ataque de fúria, se jogou de um precipício com ele num carro. *Disseram* que foi um acidente, mas *eu* acho que foi só raiva!

A sra. Van Rydock fez uma pausa, levantou um espelho e contemplou seu rosto de modo perscrutador. Pegou uma pinça e arrancou um fio de sobrancelha.

– E o que faz a seguir a nossa Carrie Louise senão se casar com certo Lewis Serrocold? Outro excêntrico! Outro homem com ideais! Ah, não digo que não seja devotado a ela... acho que é... mas tem a mesma mania de querer melhorar a vida de todo mundo por conta própria. E francamente, claro, ninguém pode fazer isso, a não ser a própria pessoa.

– Será? – retrucou Miss Marple.

– No entanto, é óbvio, existe uma moda nessas coisas bem como existe nas roupas. (Minha querida, você já viu o que Christian Dior está tentando nos fazer usar em matéria de saias?) Onde eu estava? Ah, sim, Moda. Pois bem, há uma moda na filantropia também. No tempo de Gulbrandsen costumava ser a educação. Mas isso já está ultrapassado. O Estado entrou em cena. Todo mundo espera como um direito adquirido a educação...

e não lhe dão nenhuma importância quando a ganham! A delinquência juvenil... essa é a febre hoje em dia. Todos esses criminosos jovens e criminosos em potencial. Todos estão enfeitados por eles. Você devia ver os olhos de Lewis Serrocold brilhando por trás daqueles óculos grossos dele. Louco de entusiasmo! Um desses homens com enorme força de vontade que gostam de viver à base de uma banana e um pedaço de torrada e de concentrar todas as energias numa única Causa. E Carrie Louise engole tudo... como sempre fez. Mas eu não estou gostando disso, Jane. Eles fizeram reuniões com os Curadores e a casa toda está transformada em função dessa nova ideia. Virou agora um centro de treinamento para esses criminosos juvenis, com direito a psiquiatras e psicólogos e tudo mais. E lá estão Lewis e Carrie Louise, morando ali, cercados por aqueles garotos... que talvez não sejam de todo normais. E o lugar lotado de terapeutas ocupacionais e professores e entusiastas, metade *deles* completamente loucos. Um bando de excêntricos, todos eles, e a minha pequena Carrie Louise no meio daquilo tudo!

Ela fez uma pausa – e olhou com desalento para Miss Marple.

Miss Marple falou com uma voz levemente intrigada:

– Mas você não me disse ainda, Ruth, do que é, de fato, que está com medo.

– Repito que não *sei*! E *isso* é o que me preocupa. Acabei de passar por lá... para uma visita relâmpago. E senti o tempo todo que havia algo de errado. Na atmosfera... na casa... eu sei que não estou enganada. Sou sensível à atmosfera, sempre fui. Por acaso eu já lhe contei como insisti para que Julius vendesse a Amalgamated Cereals antes da chegada do colapso? E eu não estava com razão? Sim, algo está *errado* por lá. Mas não sei o motivo



ou o que é... se são aqueles tenebrosos trombadinhas... ou se é o casal mesmo. Não sei dizer o que é. Lewis fica simplesmente vivendo em nome de suas ideias e sem perceber mais nada, e Carrie Louise, abençoada seja, nunca enxerga ou ouve ou pensa qualquer coisa com exceção do que for uma visão adorável, ou um som adorável, ou um pensamento adorável. Isso é uma doçura, mas não é *prático*. O mal é uma coisa que *existe*... e eu quero que você, Jane, vá até lá o quanto antes para descobrir exatamente qual é o problema.

– Eu? – exclamou Miss Marple. – Por que eu?

– Porque você tem faro para esse tipo de coisa. Sempre teve. Você sempre foi uma criatura doce com ar inocente, Jane, e o tempo todo, no íntimo, nada jamais a deixou surpresa, você sempre acredita no pior.

– O pior é tantas vezes verdadeiro... – Miss Marple murmurou.

– Por que você tem uma ideia tão pessimista da natureza humana, isso eu não consigo imaginar... morando naquele seu vilarejo adorável e pacato, tão antiquado e puro.

– Você nunca morou num vilarejo, Ruth. As coisas que acontecem num vilarejo puro e pacato provavelmente a deixariam surpresa.

– Ah, ousou dizer que sim. Mas o meu ponto é que elas não deixam *você* surpresa. Então você *vai* até Stonygates para descobrir o que há de errado, não vai?

– Mas, minha querida Ruth, isso seria uma coisa das mais difíceis.

– Não, não seria. Já pensei em tudo. Espero que você não fique furiosa comigo, mas já preparei o terreno.

A sra. Van Rydock fez uma pausa, olhou com certa inquietação para Miss Marple, acendeu um cigarro e se lançou com certo nervosismo a uma explicação.